



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO

Nº 1.195, DE 2013

Requeiro, nos termos regimentais, seja apresentado pelo Senado Federal, voto de pesar pelo falecimento do Senhor Deoscóredes Maximiliano dos Santos, **Mestre Didi**, apresentando condolências à família.

JUSTIFICAÇÃO

O mundo das artes ficou mais triste no último final de semana, com a notícia da morte do Mestre Didi, uma das mais importantes e respeitáveis figuras da arte sacra do Brasil e do mundo. Nascido e criado na Bahia, Mestre Didi foi um dos maiores expoentes das tradições negras no País e, como o descreveu Emanuel Araujo, escultor e diretor do Museu Afro-Brasileiro em São Paulo, em artigo publicado no jornal A Tarde, “Mestre Didi foi um artista escultor de lindas obras, cuja temática falava desse extraordinário universo das coisas da África mítica, onde os deuses estão na Terra e, por isso, suas esculturas eram “totem-áticas”, saíam do chão para alcançar ao infinito”.

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, tinha 95 anos e foi sepultado na tarde de domingo (6 de outubro), no Cemitério Jardim da Saudade, em Salvador. Filho de Maria Bibiana do Espírito Santo, também chamada de Mãe Senhora, uma das principais Mães de Santo do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, de Salvador, trazia no DNA a tradição da cultura negra que tão bem soube expressar em forma de religiosidade e arte.

Líder religioso do Terreiro Ilê Axipá, ele recebeu em 1985 o título de Alapini, o sumo sacerdote dos ancestrais, escala máxima da hierarquia sacerdotal nagô. Era casado com a antropóloga Juana Elbein dos Santos e pai da cantora Inacyra Falcão dos Santos.

Como sua própria companheira o definia, Mestre Didi era um "sacerdote-artista", que expressava por meio da arte sua cultura e sua religiosidade, intimamente ligadas às tradições africanas. Suas formas confeccionadas com contas, búzios, renda de couro e folhas de palmeira são inspiradas em mitos, lendas e objetos de culto aos orixás.

Ele iniciou nas artes fazendo entalhes em madeira. Depois, vieram os "exus" esculpidos em cimento e barro. Aos 29 anos, publicou o primeiro livro "Yorubá Tal Qual se Fala", com prefácio de Jorge Amado e ilustrações de Carybé. Outros 20 livros se seguiram, entre histórias de terreiros e contos da tradição negra da Bahia.

A obra de Mestre Didi é notável e singular. Para além de sua condição de líder espiritual da comunidade nagô, utilizou-se da arte e das letras como expressão do transbordamento de sua religiosidade, transformando-se num dos principais incentivadores da língua iorubá. Suas obras fazem parte do acervo do Museu Picasso, em Paris. Criou esculturas focadas na representação de deuses e orixás do Candomblé, que lhe renderam expressão internacional. Em Salvador, algumas de suas peças ornamentam a orla do Rio Vermelho, o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab) e o Parque das Esculturas, no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM). A morte de Mestre Didi deixa uma enorme lacuna, mas como se costuma dizer, o artista morre, mas sua arte permanece para sempre e é com o legado imenso desse acervo fantástico que Mestre Didi sempre será lembrado.

Sala das Sessões,

Senadora **LÍDICE DA MATA**

Publicado no **DSF**, de 10/10/2013.